

EDITORIAL

Estamos felizes por apresentar o número 08 da revista Thaumazein especialmente voltado a temas de Pensamento Franciscano. A delimitação a que nos propomos exige alguns esclarecimentos. Primeiro, deve-se dizer que a expressão ambígua “pensamento Franciscano” poderia indicar *uma* escola filosófica e teológica com uma certa unidade relativa a seus princípios. Não a entendemos estritamente deste modo, pois reconhecemos que não se tem suficiente clareza e ainda não está totalmente aceita essa designação para indicar a unidade dos fundamentos filosóficos e teológicos em que se sustentariam as teorias dos pensadores franciscanos, principalmente, os medievais.

O Pensamento Franciscano aqui é entendido como um conjunto variado e multifacetado de teorias, temas e problemas que são desenvolvidos, tratados e discutidos, por filósofos e teólogos que pertenciam ou estavam diretamente associados à Ordem dos Frades Menores. Portanto, a unidade do que se chama de Pensamento Franciscano está dependente mais do adjetivo, ‘franciscano’, anterior à formulação de uma teoria da parte do pensador que pudesse ser classificada como tal, do que do substantivo ‘pensamento’, o que exigiria critérios mais próprios para determinar o que caracterizaria um pensamento franciscano. A outra delimitação proposta estabelecia os séculos XIII e XIV, como épocas referenciais de produção filosófica dos pensadores. Assim os pensadores envolvidos diretamente aqui são Roger Bacon, São Boaventura, João Duns Scotus, Guilherme de Ockham e Ramon Llull.

Deve-se ainda dizer que a unidade temática dos artigos assumiu um segundo plano. Isso porque o interesse é disponibilizar trabalhos científicos de investigadores que estão envolvidos em temáticas, ou seja, que se pudesse dar publicidade acerca dos temas eles se dedicam quando se ocupam com Pensamento Franciscano. Por isso, tem-se aqui trabalhos que são considerados como finalizados nos limites que se propõem, como também trabalhos que indicam claramente que a investigação está ainda em curso.

O artigo de Roberto Hofmeister Pich, *Scotus sobre o conceito de Onipotência – um estudo sobre o Quodlibet VII*, trata dos conceito de Onipotência do ponto de vista teológico, ao tratar da onipotência de um ente infinito, e filosófico, para determinar se a razão natural pode conhecer uma proposição como “Deus é onipotente.”; e, levanta questões, tais como - quais são as marcas do conceito estrito de onipotência?; como se obtém tal conceito de onipotência, segundo Scotus, se não for na base da experiência e na abstração? Além de ser

um trabalho inspirador de um dos mais importantes interpretes de Scotus no Brasil, apresenta uma vasta e atualizada bibliografia sobre Scotus e acerca da temática.

O artigo *O Nominalismo de Guilherme de Ockham: Ontologia e Semântica*, de Pedro Leite Júnior, mostra como o nominalismo de Ockham exige uma semântica apropriada e compatível com a ontologia que assume. Trata da relação entre ontologia e semântica em Ockham, sustentado na bibliografia mais atualizada sobre o tema.

Ricardo da Costa, em seu artigo *A Eternidade de Deus na Filosofia de Ramon Llull (1232-1316)*, analisa o conceito de eternidade a partir de obras de Llull produzidas entre 1288-9 até 1314. Antes de tratar especificamente de Llull, apresenta a herança clássica e tardo-medieval do conceito. Apresenta uma bibliografia importante sobre o tema, e um importante estudo sobre Llull.

Rogério Bacon e o Conhecimento da Matemática, artigo de Jan Gerard ter Reegen e Raphaela Cândido Lacerda, contém, principalmente a partir da *Opus Maius*, uma apresentação dos argumentos de Bacon para sustentar que a matemática é a “porta e chave” do edifício do saber. A questão de fundo revela a preocupação de Bacon com o valor da ciência mesma e seu sentido para o mundo cristão e para a humanidade.

O artigo de Ricardo Antonio Rodrigues, *A Pessoa Humana é Relação*, avalia a partir de São Boaventura a possibilidade de discutir as ideias contemporâneas de dignidade e reponsabilidade humana. Ele mostra a atualidade do conceito tratado por São Boaventura, e como ele é relevante para discutir temas éticos contemporâneos.

Além dos artigos, apresentamos aqui duas traduções para o português, acompanhados do texto latino, de textos de Scotus e Ockham. A primeira tradução é do Capítulo I do *Tractatus De Primo Principio* de Duns Scotus, com *introdução, estrutura e tradução*, realizadas por Laurindo Dalpian e Iuri Coelho Oliveira. A segunda tradução é do Quodlibeto III, Questão12, *Se uma proposição mental é composta pelas coisas ou pelos conceitos*, de Ockham, com apresentação, estrutura e tradução, por Márcio Paulo Cenci.

Agradecemos a todos os colaboradores para o êxito deste número, que tem o ensejo de marcar início de um ciclo anual de publicações acerca de temas de pensamento franciscano.

Editor
Márcio Paulo Cenci